

O papel passivo na indústria siderúrgica nacional na atual divisão internacional do trabalho

Antonio Toledo Poso ¹

Resumo: Criada a partir de projetos nacionais de desenvolvimento, defesa e soberania, a indústria siderúrgica mundial vem passando por profundas transformações após a década de 1990, com intenso processo de privatizações, internacionalização do seu capital e o deslocamento geográfico da produção do eixo Estados Unidos – Europa para Ásia, em especial a China. Nesse contexto de nova divisão internacional do trabalho, a siderurgia brasileira vem tendo um comportamento passivo, exercendo um papel secundário na atual divisão internacional do trabalho, seja pela desnacionalização recente de parte do nosso parque siderúrgico, seja pela tímida participação das empresas nacionais no comércio e na produção mundial.

Palavras-chave: siderurgia, estado nacional, reestruturação, nova divisão internacional do trabalho, inserção passiva.

The passive role of Brazil in the international division of labor in the steel industry

Abstract: Created from industrialization projects in National Station and considered a strategic sector of defense and sovereignty, steel industry has changed considerably after 1990 years with the international of the capital and the large geographic shift of production to Asia, especially to China. In this new international division of labor, the brazilian steel industry is behaving passively with the denationalization of our steel industry and the timid participation in trade and world production.

Keywords: steel industry, national state, restructuring, new international division of labor, passive insertion.

Introdução

Esse artigo, fruto de reflexão realizada em nosso tese de doutoramento, busca analisar aspectos relacionados à formação socioespacial brasileira e sua inserção no atual estágio do modo de produção capitalista, de forma mais profícua ele buscará compreender, o papel da indústria siderúrgica nacional na divisão internacional do trabalho do setor em questão, em um momento em que este passa por profundas mudanças, sendo as principais, o deslocamento geográfico da produção e a centralização e internacionalização do seu capital.

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Email: antonio.pueri@gmail.com

No que tange à primeira, pode-se afirmar que, nos últimos anos, o principal eixo da produção deixou de ser a chamada “tríade capitalista” e deslocou-se para os chamados “países emergentes”, especialmente os asiáticos, Coreia do Sul, Índia e China.

Segundo De Paula (2012), entre os anos de 2000 e 2011, houve diminuição da participação percentual em relação à produção mundial no Japão (de 12% para 7%), América do Norte (de 14 % para 7%) e da União Europeia (de 13,5% para 6,6%). Ao mesmo tempo, houve crescimento muito acelerado da Coreia do Sul, Índia e China, que em 2013, chegaram à produção de 66, 110 e 680 milhões de toneladas, respectivamente, ambas estão dentre os primeiros produtores mundiais e a tendência é de que consolidem e ampliem suas posições.

Em relação à segunda, diferentemente de outros setores da economia, a siderurgia desenvolveu-se em bases nacionais e, na maioria das vezes, com capital estatal, principalmente pelo fato de sempre ter sido considerado um setor estratégico para o desenvolvimento industrial e para o setor bélico.

A partir dos anos de 1990, em meio ao grande número de privatizações, ocorreu forte processo de centralização do capital, por meio de fusões e aquisições de empresas, tendo como resultado a formação de empresas multinacionais. Nesse caso, pode-se citar a maior empresa mundial, a ArcelorMittal, com capacidade instalada para produção de 125 milhões de toneladas de aço, com unidades espalhadas em vários países do mundo.

Nesse contexto de internacionalização e centralização do capital, cabe o questionamento de como está se comportando a siderurgia brasileira. Será uma inserção passiva representada pela queda percentual da produção mundial e a desnacionalização do nosso parque produtivo? Ou será uma inserção ativa, representada pela participação expressiva na produção mundial e pelo fortalecimento e internacionalização das empresas nacionais?

O principal objetivo desse esforço visa esboçar, mesmo que parcialmente, respostas para tal questionamento. Para isso, essa tarefa será dividida em três etapas:

- Traçar breve histórico da siderurgia brasileira e relacioná-la com a interpretação do desenvolvimento nacional de Ignácio Rangel;
- Descrever o atual estágio da siderurgia brasileira após a reestruturação do setor vivida nos anos de 1990;
- Descrever a tipologia das empresas siderúrgicas que atuam no Brasil.

O Desenvolvimento da siderurgia nacional e as dualidades

Segundo Baer (1970), as primeiras iniciativas de produção de ferro no Brasil ocorreram somente no século XIX, com a construção do 1º alto-forno e de forças catalãs no Morro do Pilar (MG), a construção da fundição Ipanema (Sorocaba-SP) e a primeira indústria de ferro chamada “Patriótica” (Congonhas do Campo-MG).

Todavia, pode-se afirmar que só houve expansão desse setor no Brasil apenas nas primeiras décadas do século XX, com a criação de uma mão de obra mais qualificada e o crescimento da capacidade produtiva.

Em relação à primeira, pode-se citar a Escola Politécnica, a construção da escola de engenharia do exército e a criação da Escola de Ouro Preto. Já em relação à segunda, podem ser mencionadas as criações da usina Esperança em Itabirito (MG), duas unidades complementares para produção de ferro, como nos casos da Dedini e da Aços Paulista.

O passo mais importante desse período foi dado na década de 1920, com o surgimento em Sabará (MG) da companhia Belgo Mineira, a partir da associação da então Companhia Siderúrgica mineira com investidores belgas, resultando na primeira usina a carvão vegetal do Brasil.

Conforme se procurou demonstrar (POSO, 2007), apesar dos esforços citados, até a década de 1930, não havia condições para a ampliação da produção de aço no Brasil por meio da construção de uma usina integrada.

Para Rangel (1982), nesse período ocorreram as duas primeiras dualidades¹ brasileiras, em que havia um pacto de poder formado por uma classe latifundiária e uma comerciante, ambas sendo influenciadas pelo capital industrial inglês², abortando assim qualquer iniciativa de substituição de importações industriais de maior valor agregado.

No entanto, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) gerou um fato novo nessa conjuntura, pois estrangulou o comércio externo brasileiro e provocou surto de substituição de importações de bens de consumo leves, o que desembocou em algumas iniciativas para expansão da produção de ferro no Brasil, porém a efetiva construção de uma usina integrada viria apenas na 3ª dualidade, com a passagem para formas industriais de substituição de importações.

Na década de 1940, a expansão da produção siderúrgica nacional ocorreu devido ao crescimento da empresa Belgo Mineira e do surgimento de outras empresas, como a

Companhia de Ferro Brasileira (Caeté-MG), Eletroçoço Altoma (Blumenau-SC), Siderúrgica Barra Mansa (RJ) e Aços Villares (São Paulo - SP).

Porém, ainda o País carecia de uma siderúrgica integrada, capaz de suprir as substituições de importações mais pesadas, esse objetivo acaba sendo alcançado ainda na década de 1940, após intensa negociação com os Estados Unidos, envolvendo apoio aos aliados na Segunda Guerra Mundial e a pressão de grupos nacionalistas sob a liderança do presidente Getúlio Vargas, foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (RJ).

Nos anos de 1950, a expansão da capacidade instalada prossegue no País com novas empresas surgindo, casos da Mannesmann (Belo Horizonte-MG), especializada em produção de tubos, da Usiminas (Ipatinga-MG), fruto de um acordo entre a Nippon Steel e o governo do Estado de Minas Gerais, dentro do quadrilátero ferrífero (Ipatinga-MG) e da Cosipa (Cubatão-SP), resultado de um esforço do governo do Estado de São Paulo.

Conforme se observou (POSO, 2007), a partir de 1960, a expansão do parque siderúrgico brasileiro intensificou-se e contou com apoio governamental por meio dos aportes financeiros do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e da criação de órgãos de planejamento, como o Consinder³ (Conselho Consultivo da Indústria Siderúrgica), estabelecendo políticas globais para o setor, como no caso do Plano Siderúrgico Nacional⁴ (1971), além da SIDERBRÁS, holding que coordenava a produção siderúrgica estatal.

Nesse período, houve clara distinção entre a produção de aços planos, a cargo das empresas estatais, como a Companhia Siderúrgica Nacional, Usiminas, Cosipa, Covafi, Cossim, Usina e Aços Piratini e a produção de aços longos, a cargo de empresas privadas, como a Gerdau e a Belgo Mineira, mas que recebiam também suporte governamental por meio dos aportes do BNDES.

Na década de 1970, o Brasil era o 17º produtor mundial de aço com três grandes usinas integradas (CSN, Usiminas e Cosipa), responsáveis por metade da produção nacional, o governo militar considerava o setor estratégico. Para De Paula (2012), até o início dos anos de 1980, a política industrial para o setor pode ser resumida no binômio: investimentos e regulação estatal.

Na visão defendida aqui, essa expansão siderúrgica ocorre no advento da terceira dualidade proposta por Rangel (1982), quando há mudança no pacto de poder com a substituição do capital industrial inglês pelo capital financeiro norte-americano e a ascensão de uma elite

industrial nacional, exemplo disso foi o financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional pelo banco Export-Import.

Simultaneamente, o Brasil passou a engendrar internamente os ciclos médios juglarianos⁵, ocorrendo assim a substituição de importações industriais, começando pelos bens de consumo duráveis e chegando aos bens de produção. Dessa forma, a indústria siderúrgica nacional acompanhou a expansão industrial em geral, fornecendo o insumo necessário ao seu desenvolvimento.

A reestruturação e o atual estágio da siderurgia nacional

No início dos anos de 1980, apesar da criação de três novas siderúrgicas voltadas à produção de aços semiacabados (Companhia Siderúrgica de Tubarão, Açominas e Mendes Júnior), houve estagnação do consumo de aço no Brasil, devido à crise econômica do período, provocando excesso de capacidade instalada e ampliação das exportações.

Tabela 1: Dados sobre o mercado de aço entre os anos de 1981 e 1990 (em mil toneladas)

Ano	Produção de Aço	Produção de laminados	Importação	Exportação	Consumo aparente
1981	13.226	10.870	897	1.860	8.995
1990	20.567	17.071	196	8.995	9.900

Fonte: BNDES – Histórias Setoriais – o setor siderúrgico, 2002.

Para Rangel (1982), estava-se na fase B do 4º ciclo de Kondratiev⁶, marcado pelo arrefecimento da atividade econômica mundial, no Brasil, a década foi marcada pelo alto endividamento externo, ele apontava como saída novo esforço de substituição de importações no setor de bens de capital e com investimentos nas áreas “estranguladas”, como ferrovias, transporte urbano de massa e saneamento básico.

Todavia, nos anos de 1990, durante os governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso foram implementadas reformas liberais que tiveram como consequência, no setor siderúrgico, as privatizações, as mudanças na composição acionária das empresas e a concentração do capital.

O processo de privatização do setor siderúrgico nacional iniciou-se em 1988 e terminou em 1993, sendo dividido em duas etapas: na primeira, foram adquiridas as usinas siderúrgicas de menor porte, como Barão de Cocais, Cimetal, Cosinor e Piratini, tendo como principal

adquirente o Grupo Gerdau, na segunda, foram vendidas as usinas de maior porte, como a Usiminas, a Companhia Siderúrgica de Tubarão, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Cosipa e a Açominas.

Entre os anos de 1990 e 2000, ocorreram grandes mudanças no capital acionário das empresas, com aproximadamente vinte transações de fusões e aquisições de empresas, resultando em uma maior concentração de capital, conforme se pode observar a seguir:

Quadro1: Mudanças de controle do capital no setor siderúrgico brasileiro após as privatizações

Adquirente	Adquirida
Gerdau	Siderúrgica Pains
Belgo Mineira	Siderúrgica Dedini
Belgo Mineira	Cofavi
Sidenor	Aços Villares
Usiminas	Cosipa
Gerdau	Açominas
ArcelorMittal	CST e Belgo Mineira
Acesita	ArcelorMittal

Fonte: UNICAMP, Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: Impacto das Zonas de Livre Comércio. Cadeia: Siderurgia, dezembro de 2002.

- No setor de aços longos, há presença da multinacional estrangeira ArcelorMittal (que controla a antiga Belgo Mineira) e duas empresas nacionais, a Gerdau e a Votorantim Siderurgia;
- No setor de aços planos, há presença das multinacionais estrangeiras, Techint, Nippon Steel e Sumitomo Metal (Controladoras da Usiminas) e da ArcelorMittal (que controla a Companhia Siderúrgica de Tubarão) e da empresa nacional Companhia Siderúrgica Nacional;
- No setor de aços especiais, presença de empresas estrangeiras como a francesa Vallourec e da japonesa Nippon Steel and Sumitomo Metal e da nacional Gerdau (que controla a Sidenor).

Na visão deste autor, após esse processo de privatizações e concentração do capital, o movimento mais relevante da siderurgia nacional é a crescente desnacionalização, por conta da forte presença da empresa ArcelorMittal e da recente presença do grupo Techint no grupo de controle da Usiminas, além das empresas estrangeiras presentes no setor de aços especiais.

Em relação ao quadro recente da siderurgia brasileira, outro dado importante refere-se ao crescimento das importações, especialmente vindas da China, Rússia, Turquia e Ucrânia. Segundo o Instituto Aço Brasil⁷ de cada 140 quilogramas de aço consumidos no Brasil, 44 são oriundos de importações. Vale lembrar que os portos que mais recebem aço importado são Pecém (CE), São Francisco do Sul (SC), Santos (SP), Vitória (ES), Paranaguá (PR) e Suape (PE). Para De Paula (2012), o fator que mais contribuiu para o aumento das importações de aço é o alto gasto de capital na produção nacional. Ele relata que o custo para construção de uma usina integrada na China é de U\$ 600 por tonelada, na Índia é de U\$ 1.000 por tonelada e no Brasil é de U\$ 1.800 por tonelada. Já o Instituto Aço Brasil indica que a carga tributária e os incentivos estaduais, por meio da redução do ICMS para o aço importado, também conhecida como “guerra dos portos”, isto é, uma disputa, através de isenções fiscais entre unidades da federação que possuem portos para atrair investimentos.

Na visão deste autor, o aumento da entrada de aço importado está relacionado ao excesso de capacidade instalada no mundo e principalmente à valorização cambial, que somente arrefeceu em 2015. Segundo o Instituto Latino Americano de Ferro e Aço (ILLAFA)⁸, a participação de produtos industriais nas exportações brasileiras vem caindo a cada ano, em 2005, foi de 55% e, em 2011, foi de 39%, o que indica processo de “primarização” no comércio externo do País. No setor siderúrgico, há aumento das importações indiretas de aço, com a compra de produtos mecânicos de metal, especialmente vindos da China.

Para Pereira (2008), a valorização cambial é resultado de uma visão econômica ortodoxa, influente na política econômica governamental, que tem como principais pressupostos o regime de metas, câmbio flutuante e superávit primário. Nesse contexto, o aumento da taxa de juros é usado para manter o processo inflacionário dentro da meta, mas também provoca a entrada excessiva de recursos externos, que resulta na valorização da moeda, prejudicando assim a competitividade brasileira no mercado internacional.

No início dos anos de 1990, Ignácio Rangel falava em Apostasia⁹, referindo-se à possibilidade de retrocesso em relação ao impulso industrial nacional dos anos de 1930 a 1980, após a chegada ao poder de uma elite com viés industrializante, ele também defendia a necessidade de aliança entre trabalhadores e burguesia industrial visando aos interesses da nação.

Acredita-se que esse retrocesso está representado pela ascensão de uma elite financeira e rentista, ocupando postos centrais no Estado brasileiro, influenciando diretamente na

política econômica governamental, baseada no “tripé” metas de inflação, superávit primário e câmbio flutuante, e esta vem prejudicando a indústria nacional. É bom lembrar que, segundo relatório¹⁰, a participação da indústria no PIB nacional caiu de 19% em 2004 para 13% em 2013.

Em relação ao setor em questão, pode-se afirmar que os efeitos do câmbio valorizado não foram apenas sentidos nas grandes empresas siderúrgicas, mas também nos produtores nacionais de ferro-gusa, segundo o sindicato de ferro de Minas Gerais¹¹. Em meados dos anos 2000, o setor guseiro gerava 50 mil empregos, enquanto nos anos de 2010, esse contingente não chegava nem à metade.

Em 2013, no Brasil, foram produzidas 34,2 milhões de toneladas de aço bruto e 26,2 milhões de toneladas de laminados, apesar de estar entre os 10 maiores do mundo, o País vem perdendo posições na produção mundial e está utilizando apenas 70,5% de sua capacidade instalada.

Em relação ao comércio externo, as exportações brasileiras somaram 1 milhão de toneladas, tendo como principal consumidor os Estados Unidos, e as importações somaram 3,7 milhões de toneladas e tiveram como principal fornecedora a China.

Tipologia das empresas siderúrgicas que atuam no Brasil

Visando compreender a atuação das empresas siderúrgicas presentes em território nacional e, de acordo, com as informações coletadas durante esta pesquisa (POSO, 2015), procurou-se estabelecer critérios para descrever a tipologia delas. Desse modo, estipulou-se a seguinte classificação: empresas especializadas, empresas estrangeiras, empresas nacionais com internacionalização restringida e a multinacional brasileira.

Empresas especializadas

As empresas especializadas produzem aços especiais, como inoxidáveis, tubos sem costura e de alta liga ou mesmo atuam em nichos específicos, por isso não competem com as empresas hegemônicas, sendo a maioria delas de capital estrangeiro.

A atual Aperam (ex Acesita) é resultado da cisão do segmento inox da ArcelorMittal Brasil, especializada na produção de aços inoxidáveis, tendo a usina de carvão vegetal em Timóteo (MG) e unidades de distribuição e serviços no Brasil, Argentina e Colômbia. Para a visão

deste autor, trata-se de uma antiga empresa estatal, que após seu processo de privatização se desnacionalizou, atendendo hoje a uma lógica externa, tendo o território brasileiro como base de suas operações na América do Sul.

No setor de tubos de aço sem costura, há a presença de três empresas estrangeiras, a V & M do Brasil, pertencente ao grupo francês Vallourec, com usina em Barreiro (MG). Esta criou joint venture com a Nippon Steel and Sumitomo Metal, com nova usina em Jeceaba (MG) e, por fim, a Tenaris Confab, do grupo Ternium, com usina em Pindamonhangaba (SP).

A Villares Metals S/A, especializada na produção de aços de alta liga para construção mecânica, pertence ao grupo austríaco Voest Alpine e dispõe de usina em Sumaré (SP), além de centros de distribuição na própria cidade de Sumaré e em Joinville (SC).

A Sinobrás, criada em 2008, pertence à distribuidora Aço Cearense¹² e tem usina em Marabá (PA) para produção de 380 mil toneladas de aços longos, vergalhões, fio máquina e trefilados. A empresa pretende construir em parceria com a mineradora brasileira VALE nova usina para placas de aço.

Empresas estrangeiras

As empresas estrangeiras presentes no Brasil adquiriram antigas empresas nacionais (estatais ou privadas) após a reestruturação vivida pelo setor siderúrgico nos anos de 1990 e 2000. As principais são a ArcelorMittal Brasil, a Usiminas e a Companhia Siderúrgica do Atlântico.

Criada em 2005, a ArcelorMittal Brasil é a empresa estrangeira com maior participação na produção nacional de aço, com unidades nas áreas de produção de aços longos, planos, tubos e mineração, espalhadas pelo Brasil, Costa Rica, Venezuela e Argentina, perfazendo capacidade instalada de 13 milhões de toneladas.

O setor de aços longos é formado por unidades de produção destes¹³ e trefilarias que já pertenciam à antiga empresa Belgo Mineira e no exterior, onde tem, na Argentina, a Acindar, usina a redução direta e, na Costa Rica, onde há a laminadora Costarriquense e a trefilaria Colima.

O setor de aços planos é formado pela usina ArcelorMittal Tubarão (ex Companhia Siderúrgica de Tubarão em Vitória-ES), com capacidade para produzir 7,5 milhões de semiacabados e 4 milhões de laminados planos, além da laminadora Vega do Sul (São

Francisco do Sul-SC), especializada em processo de decapagem¹⁴, laminados a frio e galvanizados.

Em relação à produção de tubos de aço, a ArcelorMittal Brasil detém na Venezuela a UNKI e, na área de mineração, a Mina do Andrade, com capacidade para produzir 1,5 milhão de minério de ferro ao ano.

A Usiminas, maior produtora de aços planos do Brasil, teve recentemente a entrada do grupo ítalo-argentino Techint como um dos seus acionistas majoritários, passando a ser administrada totalmente por empresas estrangeiras (a Nippon Steel and Sumitomo já eram acionistas), após tentativas frustradas da Companhia Siderúrgica Nacional¹⁵ e da Gerdau de entrar em seu grupo de controle. A empresa, além da produção siderúrgica, tem infraestrutura de transporte e atua nas áreas de mineração, setor automotivo e bens de capital.

Na área de siderurgia, a Usiminas tem as usinas siderúrgicas Intendente Câmara (Ipatinga-MG) e José Bonifácio Andrada e Silva (Cubatão-SP), juntas com capacidade para produzir 9,5 milhões de toneladas de aços planos e a laminadora Unigal (Ipatinga), especializada na produção de galvanizados. Ainda nesse segmento, a empresa detém a “Soluções Usiminas”¹⁶, especializada na distribuição e beneficiamento do aço, além dos seus distribuidores exclusivos, com abrangência e capacidade para abastecer 15 estados brasileiros.

Para o transporte de suas mercadorias e matérias-primas, a Usiminas tem 19,9% do capital da empresa MRS Logística¹⁷ e utiliza a malha ferroviária da mineradora VALE e os terminais portuários privativos de Praia Mole em Vitória (ES) e o Terminal Privativo de Cubatão (SP).

A área de mineração é formada pela MUSA (Mineração Usiminas S.A.) em uma joint venture entre a Usiminas e a Sumitomo Corporation para exploração da Mina Serra Azul no quadrilátero ferrífero. Em 2010, ela firmou parceria com a mineradora MMX para o arrendamento da mina Pau de Vinho, também localizada no estado de Minas Gerais.

No setor automotivo, a empresa tem a “Automotiva Usiminas” (Pouso Alegre-MG), especializada na produção de cabines de veículos pesados, como caminhões e ônibus e no setor bens de capital. A “Usiminas Mecânica” produz equipamentos, vagões ferroviários, estampagem, entre outros.

Criada em 2010, a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA) é resultado de uma parceria entre a Thyssen Krupp e a VALE, tendo usina siderúrgica integrada próxima ao porto de

Sepetiba, em Santa Cruz-RJ e com capacidade instalada para produzir 5 milhões de toneladas ao ano.

A usina de Sepetiba faz parte do complexo siderúrgico “Thyssen Krupp Américas”, integrando três unidades da empresa. Inicialmente a produção de placas ocorre em Sepetiba, posteriormente, 60% delas são transportadas em cargueiros para laminadora Móbile¹⁸, no Alabama (EUA), para atender ao mercado norte-americano, e as outras 40% vão para a Alemanha, visando abastecer o mercado local.

Todavia, por conta dos atrasos nas obras, o aumento do custo de produção e a crise financeira de 2008, a Thyssen Krupp decidiu colocar à venda a Companhia Siderúrgica do Atlântico e a laminadora Móbile. Em 2013, a Companhia Siderúrgica Nacional se interessou, chegando a cogitar pedir ajuda financeira ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, com a criação da “CSN Siderurgia”¹⁹.

Entretanto, em novembro de 2013, a laminadora Móbile foi vendida a um consórcio formado pela Thyssen Krupp e pela Nippon Steel and Sumitomo por U\$ 2 bilhões. O acordo ainda prevê a compra anual de 2 milhões de toneladas de placas de aço oriundas da companhia siderúrgica do Atlântico e que continuará pertencendo a Thyssen Krupp.

No entendimento deste autor, as três empresas citadas representam a desnacionalização de parte significativa do parque siderúrgico nacional.

No caso da ArcelorMittal Brasil, mesmo que suas unidades já pertencessem ao capital estrangeiro com a presença do antigo grupo Arbed, houve ampliação dessa participação com a aquisição da usina siderúrgica de Tubarão (ES). Dessa forma, entende-se que a maior siderúrgica do mundo utiliza o território nacional como base para a ampliação de sua atuação no mercado latino-americano de aços longos.

O caso da Usiminas revela a fragilidade das empresas nacionais na tentativa de projeção internacional ativa. O fato é que sua recente desnacionalização é resultado do fracasso da investida internacional, visto que a siderúrgica mineira detinha participação acionária em Usinas na Argentina (Siderar), Venezuela (Sidor) e México (Hysalmex). No entendimento deste autor, o grupo Techint consolida-se com um dos maiores produtores de aço do continente.

Em relação à Companhia Siderúrgica do Atlântico, apesar de inicialmente ser um investimento externo direito da Thyssen Krupp, as investidas frustradas da Companhia

Siderúrgica Nacional revelam a fraqueza das empresas nacionais, pois esta continua tendo como sócio majoritário o capital estrangeiro.

Empresas nacionais com internacionalização restrita

As empresas nacionais com internacionalização restrita são aquelas que conseguiram adquirir ou instalar unidades de produção no exterior, mas não conseguiram ainda se firmar como empresas de grande projeção internacional, são elas a Votorantim Siderurgia e a Companhia Siderúrgica Nacional.

Em 1937, o Grupo Votorantim²⁰ iniciou suas atividades no setor siderúrgico em Barra Mansa (RJ), após fazer parte da Votorantim Metais (VM), que também englobava a exploração mineral. A partir de 2008, a Votorantim Siderurgia passou a ser uma subsidiária “independente”, especializada na produção de aços longos, com unidades no Brasil, Argentina e Colômbia.

No Brasil, a Votorantim Siderurgia tem: as usinas de Barra Mansa (RJ) e Resende (RJ) com capacidade para 3 milhões de toneladas ao ano, a laminadora Sistrel (Três Lagoas-MG), o alto forno a carvão vegetal²¹ (Curvelo-MG) e unidades de corte e dobra de aço²².

No Exterior, a empresa tem participação acionária em dois países sul-americanos, na Argentina, nas usinas Acerbag e Bragado e centros de serviços (Rosário, San Juan e Córdoba) e na Colômbia, na usina Paz Del Rio e centros de serviços (Bogotá, Medellín, Cali, Belencito e Baranquilla).

Criada em 1941, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), é atualmente a segunda maior produtora de aços planos no Brasil, atuando em toda a cadeia do setor siderúrgico, isto é, extração de minério de ferro, produção, laminação, transportes, distribuição de aço e produção de embalagens.

Na área de mineração, a empresa detém a mina Casa de Pedra (Congonhas do Campo- MG) com reservas prováveis de 1,6 bilhão de toneladas e a subsidiária Namisa (Nacional Minério S/A) para comercialização de minério de ferro em parceria com as siderúrgicas asiáticas Nippon Steel and Sumitomo Metal, Kobe Steel, JFE Steel, POSCO Steel, entre outras.

Nessa área, ainda há a mina de Arcos (Arcos-MG) para exploração de calcário e a subsidiária ERSA²³, com reservas de estanho para fabricação de folha de flandres e participação acionária (19,88%) na Riverside Mining Limited, com reservas de carvão em Moçambique e antracito na África do Sul.

Na área siderúrgica, a Companhia Siderúrgica Nacional tem unidades no Brasil e no exterior. No País, além da usina Presidente Vargas²⁴ (Volta Redonda-RJ), com capacidade para 5,6 milhões de toneladas ao ano, a empresa tem as galvanizadoras²⁵ Galvasud (Porto Real-RJ) e CSN Paraná (Araucária-PR) para abastecer o mercado automobilístico.

No exterior, há laminadoras para a produção de galvanizados e folha de flandres²⁶ e laminados a frio, a CSN LLC (Indiana – EUA) e a Lusosider (Caio Pires – Portugal) e a usina de aços longos Sthahinwerk Thurrigen (Unterwellnborn – Alemanha), com capacidade para 1 milhão de toneladas ao ano.

Para o transporte de suas matérias-primas e produtos, a Companhia Siderúrgica Nacional detém os terminais portuários TECAR (Terminal de Granéis sólidos), responsável pelo transporte de minério de ferro e carvão mineral e TECON (Terminal de Contêineres), responsável pelo transporte de produtos siderúrgicos, participação acionária na concessionária MRS Logística e é sócia da construção da ferrovia Transnordestina, que pretende ligar o porto de Suape (PE) ao porto de Pecém (CE).

No setor de distribuição, a PRADA é sua subsidiária, constando com três centros de serviços²⁷ e oito centros de distribuição²⁸ e, por fim, para produção de embalagens metálicas para a indústria alimentícia, de bebidas, química e de aerossóis. A empresa tem a Metalic Nordeste (Fortaleza-CE) e a Prada Embalagens (Pelotas-RS, São Paulo-SP e Uberlândia-MG).

Na interpretação deste autor, as empresas citadas têm internacionalização restrita. No caso da Votorantim Siderurgia, percebe-se que há esforço com objetivo de se firmar como grande produtora de aços longos no mercado nacional e na América Latina, mas não há ainda capilaridade e escala para ser considerada uma empresa de projeção mundial.

Em relação à Companhia Siderúrgica Nacional, é relevante destacar sua marcante presença na produção nacional de aços planos, especialmente os revestidos, a entrada recente no mercado de aços longos e seu grande potencial nas vendas de minério de ferro, na mina Casa de Pedra.

Porém, apesar dos esforços para ampliar sua presença no exterior com aquisições de unidades na Europa e Estados, também não se trata de uma empresa de grande projeção internacional, pois também não há capilaridade e escala de produção para tal.

Nesse tocante, deve-se observar com atenção as tentativas frustradas de compras da inglesa Corus (adquirida pela Tatal Steel), da Companhia Siderúrgica do Atlântico (adquirida pelo

consórcio ArcelorMittal e Nippon Steel) e parte do capital acionário da Usiminas (adquirida pelo grupo Techint), revelando fraqueza da empresa nacional em projetar-se no mercado externo.

A Multinacional Brasileira: Gerdau

A Gerdau, uma das maiores empresas mundiais do setor siderúrgico²⁹ é a primeira produtora mundial de aços longos das Américas, tendo capacidade instalada de 25 milhões de toneladas ao ano em unidades espalhadas pelas Américas, Espanha e Índia.

No Brasil, a empresa tem usinas de produção de aços longos e planos³⁰ (carbono) e longos especiais, unidades de transformação, corte e dobra de aço, serviços para aços planos, unidades comerciais, unidades de coleta e processamento de sucata e unidades de produção de ferro-gusa, terminais portuários e áreas de extração de minério de ferro, conforme se pode observar nos quadros a seguir:

Quadro2: Unidades produtivas de aços longos e especiais do Grupo Gerdau no Brasil

Unidades	Características
Gerdau Cearense (CE)	Capacidade instalada para 150 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Aço Norte (PE)	Capacidade instalada para 200 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau USIBA (BA)	Capacidade instalada para produção de 450 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Açominas (MG)	Capacidade instalada para produção de 4,5 milhões de toneladas de semiacabados, aços longos e planos.
Gerdau Barão dos Cocais (MG)	Capacidade instalada para produção de 240 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Divinópolis (MG)	Capacidade instalada para produção de 570 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Cosígua (RJ)	Capacidade instalada para produção de 1,8 milhão de toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau São Paulo (SP)	Unidade produtora de vergalhões e reciclagem.
Gerdau Guaíra (PR)	Capacidade instalada para produção de 530 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Aços Especiais Piratini (RS).	Capacidade instalada para produção de 450 mil toneladas de aços longos especiais o ano.
Gerdau Rio-Grandense (RS)	Capacidade instalada para produção de 416 mil toneladas de aços longos ao ano.
Gerdau Mogi das Cruzes (SP)	Capacidade instalada para produção de 360 mil toneladas de aços longos especiais ao ano.
Gerdau Pindamonhangaba (SP)	Capacidade instalada para produção de 600 mil toneladas de aços brutos ao ano e a fábrica de cilindros com capacidade para 3.600 toneladas ao mês.
Gerdau Sorocaba (SP)	Especializada na produção de barras laminadas a quente, com capacidade de 2.700 toneladas ao mês, e de trefilados, com capacidade de 500 toneladas ao mês.

Fonte: Gerdau, Relatório Anual 2012

Quadro3: Outras atividades da Gerdau relacionadas à atividade siderúrgica no Brasil

Atividades	Localidades
Unidades de transformação	Presença nas cidades de Cotia (SP), Guarulhos (SP) e São José dos Campos (SP).
Unidades de corte e dobra de aço	Presenças nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.
Unidades de serviços para aços planos	Presença nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Amazonas.
Unidades comerciais da empresa distribuidora “Comercial Gerdau”	Presença nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Tocantins, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.
Unidades de coleta e processamento de sucata.	Presença nos estados de São Paulo e Minas Gerais.
Unidades de produção de ferro-gusa sólido.	Presença no estado de Minas Gerais.
Terminais portuários privativos	Terminal Privativo de Praia Mole e Terminal Marítimo Gerdau Usiba.
Áreas de extração de minério de ferro	Reservas estimadas em 2,9 bilhões de toneladas em quatro minas localizadas no estado de Minas Gerais (Miguel, Burnier, Várzea do Lopes, Gongo Soco e Dom Bisco).

Fonte: Gerdau, Relatório Anual 2012.

No exterior, as atividades da siderúrgica Gerdau estão presentes na América do Norte, América Latina e Índia.

Na América do Norte, a Gerdau produz aços longos nos Estados Unidos³¹ e Canadá por meio de sua subsidiária Ameristeel.

- Estados Unidos (Usinas): Beaumont, Jacksonville, Caterville, Charlote, Knoxville, Jakson, Sand Springs, Wilton, Perth Amboy, Sayreville, St Paul, Mc Steel, Gallatin, Chaparral e Tamco.
- Canadá (Usinas): Cambridge, Whitby e Manitoba.

Na América Latina, a Gerdau tem usinas para produção de aços longos no Uruguai (Gerdau Laisa), na Argentina (Gerdau Sipar), no Chile (Gerdau Aza Colima), no Peru (Gerdau Chimbote e Gerdau Sider Peru), Venezuela (Gerdau Sizuca), República Dominicana (Gerdau Inca), México (Gerdau Sidertul) e na Colômbia³² (Gerdau Cali e Gerdau Tuta).

Conforme se pode constatar, a Gerdau é a empresa líder em seu segmento no Brasil, produzindo em usinas de menor porte Mini – mills, operando diversas plantas com foco na fabricação de aços longos para construção civil e forte canais de distribuição.

Em relação à sua projeção internacional, é importante destacar que ela iniciou ainda nos de 1980 e intensificou-se nos anos de 1990, com a aquisição de usinas na América Latina e a entrada na América do Norte, formando a Ameristeel, que se tornou uma das maiores produtoras dos Estados Unidos.

Segundo De Paula (2001), um fato marcante na História da Gerdau ocorreu quando ela comprou a Siderurgica Pains e tornou-se detentora de mais de 50% do mercado de aços longos no Brasil, gerando processo por parte do CADE³³, forçando assim sua internacionalização, centrada na aquisição de usinas em operação e focada no mercado de aços longos.

Assim, se pode afirmar que, apesar de ter projeção forte “somente” no continente americano, trata-se de uma empresa multinacional pela sua escala de produção, sua forte capilaridade geográfica e por ter presença significativa na América Latina e em um dos maiores mercados consumidores do mundo, os Estados Unidos. É importante destacar que, apesar da atual conjuntura recessiva, que inibe novos investimentos, a empresa já tem presença na Ásia e na Europa com pretensão de ampliar sua presença internacional.

Considerações finais

Conforme mencionado, procurou-se analisar a gênese, evolução e atual estágio da siderurgia nacional, relacionando-a com o desenvolvimento brasileiro, posteriormente buscou-se verificar a atuação das empresas nacionais e as estrangeiras que atuam no território.

Em relação à evolução histórica da produção siderúrgica, verificou-se a importância do Estado na expansão do parque siderúrgico nacional, seja por meio do financiamento no aumento da capacidade instalada via BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), seja pelas políticas públicas voltadas ao setor, como nos casos da criação da Consider e da Siderbrás.

Nesse tocante, entende-se que essa evolução esteve em sintonia com o crescimento industrial endógeno, especialmente entre os anos de 1930 a 1980, no contexto da terceira dualidade brasileira, em que houve confluência de interesses entre uma elite industrial brasileira nascente e o capital financeiro norte-americano. É pertinente destacar que a evolução da indústria, em geral, e a siderúrgica, em específico, é impulsionada por ciclos³⁴

de curta duração, responsáveis pela substituição de importações vigentes na construção do parque industrial brasileiro.

Constatou-se depois que a reestruturação da siderurgia brasileira provocou a desnacionalização do parque siderúrgico e que a entrada maciça de aço importado e os baixos índices de crescimento econômico vêm prejudicando a produção nacional.

Na visão deste autor, a política econômica baseada no tripé juros altos, câmbio flutuante e metas de inflação vêm prejudicando a indústria nacional e, em especial, o setor siderúrgico, que vem perdendo posições entre os maiores produtores do mundo e operando com capacidade ociosa de 30% em suas usinas, considerada não lucrativa por especialistas do setor.

Referências bibliográficas

ANDREFF, Wladimir. **Multinacionais globais**. Bauru: EDUSC, 2000.

BAER, Werner. **Siderurgia e desenvolvimento brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **BNDES 50 Anos – Histórias setoriais** – O setor siderúrgico (Mario Lucio Amarante de Andrade e Luis Mauricio da Silva Cunha) Rio de Janeiro: Relatório do BNDES, 2002.

_____. **Para onde vai a China?** O impacto do crescimento chinês na siderurgia brasileira. BNDES Setorial 22, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Novos projetos siderúrgicos atenderão ao aumento da demanda até 2014. In: **Visão de Desenvolvimento**, nº 83, Rio de Janeiro, 2010.

BIELSCHOWSKY, Ricardo [1988]. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo (1930-1964)**. 5 ed. São Paulo: Editora Contraponto, 2004.

CAMPOS, J.A.F. Mercado siderúrgico mundial: tendências. In: **Seminário A siderurgia brasileira: 10 anos de privatização**. Rio de Janeiro, IBS/BNDES, nov., 2001.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DE PAULA, Germano Mendes. **Economia de baixo carbono: avaliação de impactos de restrições e perspectivas tecnológicas**. In: Relatório | Estudos setoriais: Siderurgia, Núcleos de Estudo de Baixo Carbono (EBC), 2012 (125 p.).

_____. **Dimensões das estratégias de internacionalização: o caso dos quatro grupos siderúrgicos** (Minimills). São Paulo: Capital Comunicação, 2001.

_____. Cadeia produtiva da siderurgia. In: **Projeto Estudo da Competitividade por cadeias integradas: um esforço coordenado de criação de estratégias compartilhadas**. Brasília: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio, 2002.

DICKEN, Peter. **Mudança Global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial**. 5 ed. São Paulo: Bookman, 2010.

- GONÇALVES, Reinaldo. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- INSTITUTO AÇO BRASIL (IAB). In: **Anuário estatístico da siderurgia brasileira**. Rio de Janeiro, exemplares de 1976 a 2012.
- _____. In: **Anuário estatístico**. Rio de Janeiro, 2013.
- JABBOUR, Elias. **China Hoje – Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.
- MAMIGONIAN, Armen: A Geografia e A formação social como teoria e como método. In: **Seminário O mundo do cidadão – Um cidadão do mundo**. FFLCH, Departamento de Geografia, set. 1996.
- PEREIRA, Bresser. **Nação: câmbio e desenvolvimento**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- PINHO, Marcelo. **Grupo Gerdau – Grupos econômicos e industriais do Brasil e política econômica: estrutura, estratégias e desafios**. Campinas: Unicamp, 1995.
- POSO, Antonio Toledo. **A reestruturação da siderurgia mundial e brasileira: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.
- _____. **A Siderurgia brasileira e Mundial: O Desenvolvimento Desigual Recente**. 2015. 311f. Tese (doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015.
- RANGEL, Ignácio. História da dualidade brasileira. In: **Revista de Economia Política**, vol. 1, nº 4, São Paulo, 1981, p. 5-34.
- _____. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. Apostasia. In: **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 jan. 1991.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1978.
- SINGER, Paul. **Curso de introdução à Economia Política**. São Paulo: Forense, 2004.
- SPOSITO, Eliseu Savério; SANTOS, Bruno Santos. **O capitalismo industrial e as multinacionais brasileiras**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

¹ Esquema teórico desenvolvido pelo economista Ignácio Rangel para explicar a formação de pactos de poder na História do Brasil com a coexistência de modos de produção diferentes em formações periféricas em países subdesenvolvidos, o mesmo era formado dois polos de poder (interno e externo).

² O que efetivamente mudou da primeira para a segunda dualidade foi a mudança no polo interno com as transformações dos latifundiários em comerciantes no lado externo e feudais no interno.

³ O Consider era formado por ministros da área econômica, pelo presidente do BNDES e do então Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS).

⁴ O Plano Siderúrgico Nacional pretendia expandir a capacidade instalada nacional de produção de aço para 20 milhões de toneladas em 1980.

⁵ Ciclos econômicos de curta duração com 5 anos de crescimento econômico e 5 anos de recessão.

⁶ São ciclos econômicos de longa duração com 25 anos de ascensão econômica (Fase A) e 25 anos de depressão econômica (Fase B), os mesmos estão relacionados as grandes revoluções industriais da História.

⁷ Entidade que representa as empresas privadas do setor siderúrgico que atuam em território nacional.

⁸ Estudo divulgado pelo Instituto Aço Brasil (12/09/2011).

⁹ Jornal Folha de São Paulo dia 2/1/1991.

¹⁰ Relatório anual do Instituto Aço Brasil, 2013.

- ¹¹ O Estado de Minas Gerais, com 64 usinas de gusa, é o maior produtor do País, respondendo por 60% da produção nacional.
- ¹² A Aço Cearense está localizada na cidade de Caucaia (CE) é uma maiores empresas atuantes na distribuição e beneficiamento de aços longos das regiões Norte e Nordeste do Brasil.
- ¹³ Para produção de aços longos, a ArcelorMittal Brasil “herdou” as usinas “mini-mills” e as unidades de distribuição e beneficiamento em João Monlevade (MG), Cariacica (ES), Piracicaba (MG), Itaúna (MG), São Paulo (SP) e Sabará (MG).
- ¹⁴ Processo em que as extremidades das chapas são unidas por soldas a laser e, em seguida, ocorre a remoção do óxido de ferro, que se forma durante o processo de laminação a quente.
- ¹⁵ A Companhia Siderúrgica Nacional chegou a ter 12,29% das ações ordinárias e 15,5% das ações preferenciais.
- ¹⁶ A Soluções Usiminas surgiu após a fusão das empresas Fasal, Rio Negro, Dufer, Zamproгна, Usial e Usicort..
- ¹⁷ A MRS opera a antiga malha Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte) da Rede Ferroviária Nacional S.A.
- ¹⁸ A Laminadora Mobile tem capacidade para processar 5 milhões de toneladas de aços laminados planos.
- ¹⁹ A participação no capital social desta seria dividida entre a CSN, que teria 60% do capital, o BNDESPAR com 30% e participação minoritária da VALE.
- ²⁰ Grupo empresarial brasileiro presente em 20 países do mundo, atuando em vários setores, como cimento, mineração, metalurgia, suco de laranja, autogeração de energia e siderurgia.
- ²¹ O alto-forno de Curvelo-MG tem por finalidade abastecer as usinas de Barra Mansa e Resende.
- ²² As unidades de corte e dobra de aço estão localizadas em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Betim (MG), Praia Grande (SP), Camaçari (BA), Curitiba (PR), Aparecida de Goiânia (GO) e Brasília (DF).
- ²³ A ESTANHO RONDÔNIA S.A. é constituída pela mineração Santa Bárbara, localizada em Itapuã, a Oeste, em Rondônia, e por uma fundição, localizada no município de Ariquemes no mesmo estado.
- ²⁴ A partir da escória, a usina produz também 2,4 milhões de toneladas de cimento ao ano.
- ²⁵ Galvanização é o processo de revestimento do aço com zinco para impedir a corrosão do metal.
- ²⁶ Aço revestido de estanho para fabricação de embalagens de metal.
- ²⁷ Mogi das Cruzes (SP), Camaçari (BA) e Jaboatão dos Guararapes (PE).
- ²⁸ Araucária (PR), Bebedouro (SP), Canoas (RS), Contagem (MG), Juiz de Fora (MG), Mauá (SP), Piracicaba (SP), Uberlândia (MG) e Volta Redonda (RJ).
- ²⁹ Segmento a World Steel Association, em 2014, a Gerdau foi a 16ª maior empresa produtora de aço no mundo com 19 milhões de toneladas.
- ³⁰ A Gerdau Açominas situada na cidade de Ouro Branco (MG) produz aços planos.
- ³¹ Nos Estados Unidos, a Gerdau ainda detém 13 unidades de transformação, 15 unidades de corte e dobra de aço e participação societária na Gallatin Steel Company.
- ³² Recentemente, a Gerdau adquiriu 10% do capital da empresa Cleary Holding, que tem reserva de carvão mineral na Colômbia.
- ³³ Conselho Administrativo de Direito Econômico.
- ³⁴ Os ciclos juglarianos têm cinco anos de expansão e cinco de retração.